

# Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 10



Periodicojs  
EDITORA ACADÊMICA



## Equipe Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

## Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

### Idioma

Português

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 10. / Filipe Lins dos Santos. (Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2023.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-038-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II. Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

**Obra sem financiamento de órgão público ou privado**

**Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.**

**A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva**



**Filipe Lins dos Santos  
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil  
website: [www.periodicojs.com.br](http://www.periodicojs.com.br)  
instagram: @periodicojs



## Capítulo 4

### A DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS SEVERINOS NA LITERATURA BRASILEIRA DO NORDESTE



**A DESTERRITORIALIZAÇÃO DOS SEVERINOS NA LITERATURA  
BRASILEIRA DO NORDESTE**

**THE DETERRITORIALIZATION OF THE SEVERINES IN BRAZILIAN  
LITERATURE OF THE NORTHEAST**

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto pretende analisar a obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto sob a perspectiva das teorias das redobras da matéria de Deleuze e do conceito de desterritorialização de Rogério Haesbaert. Deleuze utiliza o conceito de dobras para explicar como a matéria se compõe de dobras e redobras, criando um continuum. Essas dobras podem ser relacionadas às redobras da matéria (órgãos e desenvolvimento físico) e às dobras na alma (aspectos emocionais e espirituais), que estão interconectados. Haesbaert, por sua vez, discute a desterritorialização como a projeção de elementos fora de um território, causando sua desestruturação. O texto explora como a desterritorialização na obra literária se relaciona com a jornada do retirante Severino. À medida que ele migra do sertão nordestino para Recife, vemos a desterritorialização da sua vida e, ao mesmo tempo, a territorialização em novos lugares, representada pelos diferentes territórios por onde Severino passa, cada um com suas próprias características e desafios.

**Palavras-chave:** Morte e Vida Severina. Desterritorialização. Dobras e redobras.

---

1 UEPB | Christian Business School



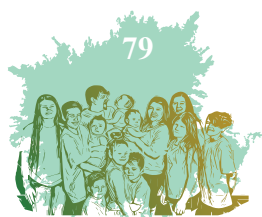
**Abstract:** This text intends to analyze the work “Morte e Vida Severina” by João Cabral de Melo Neto from the perspective of Deleuze’s theories of the redoubling of matter and Rogério Haesbaert’s concept of deterritorialization. Deleuze uses the concept of folds to explain how matter is made up of folds and refolds, creating a continuum. These folds can be related to the folds of matter (organs and physical development) and to the folds in the soul (emotional and spiritual aspects), which are interconnected. Haesbaert, in turn, discusses deterritorialization as the projection of elements outside a territory, causing its destructuring. The text explores how deterritorialization in literary work relates to the journey of the migrant Severino. As he migrates from the northeastern hinterland to Recife, we see the deterritorialization of his life and, at the same time, the territorialization in new places, represented by the different territories Severino passes through, each one with its own characteristics and challenges.

**Keywords:** Death and Severe Life. Deterritorialization. Folds and refolds.

Neste ensaio, pretendemos analisar a obra “Morte e vida severina”, do escritor João Cabral de Melo Neto, a partir das teorias das redobras da matéria, de Deleuze, e na concepção de desterritorialização, de Rogério Haesbaert.

Deleuze utiliza a metáfora do Barroco para explicar a sua teoria sobre as dobras. Ele defende que qualquer matéria, ou ideia, do mesmo modo que o Barroco, é composto por dobras e redobras que se ligam e se desfazem através de um continuum composto por outras ideias ou matérias que também se dobram e se desdobram.

O Barroco, por exemplo, é formado por dobras vindas do Oriente, dobras gregas, romanas,



românicas, góticas, clássicas (...) e ele se curva e recurva levando-as ao infinito, dobra sobre dobra, dobra conforme dobra (Ibid, 2015, p. 13).

As suas dobras seguem duas direções, como se tivesse dois andares, as redobras da matéria e as dobras na alma.

Com relação às redobras da matéria, se constituem por órgãos dobrados e diferentemente e mais ou menos desenvolvidos, enquanto que as dobras na alma correspondem à não retidão e aos múltiplos caminhos quanto à inclinação da alma ao recorrer a Deus.

No entanto, estes dois andares não são incomunicáveis, algumas almas estão envolvidas nas redobras da matéria no andar de baixo, e aquelas fornecem a esta última as sensações e a sensibilidade, e aquelas almas que alcançaram o andar de cima, fornecem à matéria os conhecimentos inatos conforme são solicitados, manifestados através de vibrações ou oscilações através das dobras (também denominadas cordas ou molas pelo autor).

Para Deleuze (2015), a dobra é a unidade da matéria, que se desdobra em outra dobra, como em um continuum. A desdobra não corresponde ao contrário da dobra, mas a segue até outra dobra. Da mesma forma que a dobra torna a matéria inseparável, assim como a vida ou qualquer organismo, a palavra não se constitui pela junção casual de letras separadas, mas casualmente, com sílabas ou flexões.

Podemos comparar o conceito de dobra de Deleuze à ideia de desterritorialização de Haesbaert. Este autor conceitua “desterritorialização” quando um elemento pertencente a uma rede de relações sociais se projeta para fora do território, ocasionando a sua desestruturação (Ibid. 2007, p. 57-58).

Assim, do mesmo modo que a dobra pode conferir a um emaranhado de ações ou ideias cor-



relatas que podem ser desdobradas até o infinito, a desterritorialização poderia ser uma representação desse desdobramento, já que elementos organizados em função das relações do homem com a natureza, ou das suas relações sociais (aí inclui-se a cultura) estão se desmembrando ou desconstruindo o território.

As ciências sociais como a Antropologia, a Ciência Política, e não somente a Geografia, partindo de princípios filosóficos, como segundo Haesbaert cita Deleuze e Guattari, têm dado bastante ênfase ao conceito de territorialização ao considerar pelo menos dois referenciais teóricos: a) o binômio materialismo e idealismo, através do vínculo sociedade-natureza e dimensões sociais privilegiadas como a economia, a política e a cultura; b) a historicidade do conceito, inserindo-se a sua abrangência histórica e o seu caráter mais absoluto ou relacional.

Em uma visão materialista, o território consiste em uma porção da natureza (espaço) sobre o qual uma sociedade reivindica e garante os seus direitos estáveis de acesso, ou na qual os seus membros encontrarão permanentemente as condições e os meios materiais de sua existência. Esta representa uma visão mais tradicionalista e nesta relação verificamos uma dependência do homem dos recursos naturais para a sua existência, o que constituiria um sentido físico do termo (GODELIER, 1984 apud HAESBAERT, 2007).

Neste mesmo âmbito, uma desterritorialização implicaria em fenômenos naturais causando mudanças na organização de um território, com o caso de uma erupção vulcânica, que resultaria na migração de uma população local de um local para outro, ou nos casos de enchentes de rios, por exemplo, que afetariam o modo de viver de uma determinada comunidade local.

Em uma perspectiva idealista, o termo “territorialização” abrangeria a dimensão ideal ou simbólica, ou seja, aquilo que uma sociedade reivindica ao se apropriar de um território, tanto “das





realidades visíveis quanto dos poderes invisíveis que as compõem, e que parecem partilhar o domínio das condições de reprodução da vida dos homens, tanto a eles própria quanto a dos recursos dos quais eles dependem” (GODELIER, 1984 apud HAESBAERT, 2007, p. 49).

A partir desta definição, podemos verificar uma relação mais forte, não somente dos elementos materiais que fazem parte do espaço físico, quanto os elementos ideológicos e imateriais, nos quais incluem-se as crenças religiosas proporcionando uma relação espiritual com o espaço de vida, que, segundo Bonnemaïson e Cambrèzy (1996 apud Haesbaert, 2007, p. 51), consagra o território a um espaço simbólico sagrado o qual o homem precisa cultivar e preservar a fim de garantir a sua própria sobrevivência.

Sob uma perspectiva histórica, o território é capaz de abranger toda a história humana (ontologia) e também pode se vista sob um ponto de vista mais restrito, levando em consideração apenas alguns contextos histórico-sociais, ou seja, o território passa a ser definido conforme as relações de poder mediadas pelo espaço, e aí incluem-se a abordagem materialista com a abordagem ideológica, bem como a integração entre diferentes redes de dimensões sociais.

Em uma visão mais contemporânea, Haesbaert (2007) propõe uma organização de uma sociedade “em rede” em oposição a uma sociedade “territorial”, quer dizer, em uma organização em rede as relações configuram espaços mais flexíveis, não fixos, em detrimento de uma organização em que os espaços são mais definidos, estáveis, o que configura uma relação binômica território-rede, na qual território se opõe a rede (Ibid, p. 57).

Nesta relação as redes estão inseridas dentro do território, porém, estas redes tanto podem ser um elemento fortalecedor, como é o caso das redes de comunicação que integram o território nacional, quanto pode se projetar para fora do território, resultando na sua desestruturação (desterr-



torialização).

Portanto, Haesbaerg (2007, p. 59-61) propõe cinco tópicos sobre os quais os autores geralmente interpretam o processo de desterritorialização:

1) Desterritorialização como domínio das redes, dos fluxos, da mobilidade. Componentes indissociáveis do território, em qualquer contexto histórico, que podem ser caracterizadas pelo controle e estabilidade, a ideia do movimento, da integração e da conectividade.

2) Desterritorialização como perda de referenciais espaciais, concretos, sob o domínio das relações imateriais, inclusive as “geografias imaginárias”, constituintes dos espaços virtuais (ciberespaços).

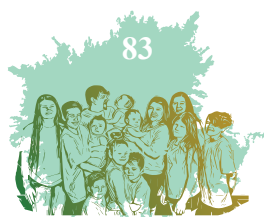
3) Desterritorialização como perda de poder em termos do controle dos processos sociais através do espaço, especialmente o enfraquecimento do território dos Estados-nações.

4) Desterritorialização como “deslocalização” econômica, a libertação das grandes corporações transnacionais, o que favorecia o seu deslocamento e a sua localização em inúmeros lugares.

5) Desterritorialização como fruto da crescente homogeneização cultural do planeta.

Nos deteremos neste trabalho a desenvolver um estudo interpretativo utilizando a segunda perspectiva citada acima sobre desterritorialização, pois analisaremos um bem composto de pressupostos ideológicos, desvinculados do seu contexto histórico-social, mas que constituem uma rede de relações simbólicas cujo espaço geográfico e sua esfera social dizem respeito a espaços não-físicos (por mais que se tratem de lugares pertencentes ao mundo real) que compõem o imaginário do escritor, e a sua visão de enxergar esse espaço, o que configura um espaço virtual (imaginário).

Logo, concordamos com Araújo (2010, p. 51) ao conceituar “espaço” como “uma noção



mental, estando no campo das ideias, uma ação no campo teórico e cartográfico, mas que [a região] se torna concreta na paisagem, sendo a região visível em parte”. No entanto, acreditamos que a literatura pode configurar este campo teórico e cartográfico destacado pelo autor, e que pode, conforme Haesbaert, não necessariamente constituir um espaço físico, mas um espaço imaterial e simbólico.

O poema “Morte e vida severina”, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto, conta a história de um retirante da seca, chamado Severino, que resolve deixar a sua terra, localizada no interior de Pernambuco, e migrar para Recife, litoral, em busca de melhores condições de vida, acreditando que poderá adiar o seu encontro com a tão indesejada morte severina, morte que afeta muitos nordestinos durante a escassez de água pelo castigo sacrificante imposto pelo sol.

No início do poema, podemos destacar uma desdobra linguística do nome Severino, quando o personagem tem a intenção de explicar qual a sua origem pelo fato de haver muitos homens como nome de Severino.

Nesta tentativa, ele diz que se trata do Severino de Maria, mas como existem muitos Severinos e muitas Marias, ele complementa dizendo que é o da Maria do finado Zacarias, e com há muitos finado Zacarias, ele diz que este Zacarias foi um que fora o coronel mais antigo da serra da Costela, nos limites da Paraíba, mas como também existiam vários, o personagem conclui que todos os Severinos são iguais em vida, e morrem da mesma morte igual, a morte severina. Ele descreve a morte severina da seguinte forma:

que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida) (p. 30).

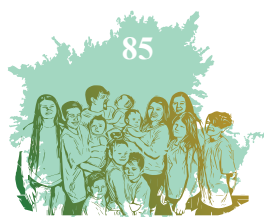


É interessante observar como o nome Severino se desdobra na introdução do poema, conforme a visão do narrador-personagem. De Severino temos Severino de Maria, seguido de Severino de Maria do finado Zacarias, depois explica que é o Zacarias que havia sido coronel há muito tempo na região, e como existem muitos de procedências semelhantes, descreve os Severinos como aqueles de cabeça grande, que têm dificuldade de se equilibrar, que vêm do ventre crescido, andam sobre as mesmas pernas finas e possuem sangue com pouca tinta (p. 29). Ou seja, o personagem Severino representa todos os nordestinos nascidos na mesma condição que ele.

Por analogia, podemos utilizar a teoria das redobras de Deleuze (2012) para explicar o desdobramento do nome Severino, pois conforme a dobra ou desdobra que aumenta e diminui e fazem parte da constituição de qualquer matéria, ou ideia, assim ocorre com o nome do personagem que se estende ao longo da narrativa e vai se tornando cada vez mais evidente.

De modo similar, quando o personagem se depara com a primeira situação de morte, conforme a narrativa, ao deixar a sua terra em direção ao litoral, constatamos que a morte severina se desdobra em “morte matada” e “morte morrida”, quando encontra dois homens prestando serviços fúnebres ao conduzirem um defunto enrolado em uma rede e busca saber o motivo de sua morte. “Morte matada” consiste em morte por emboscada, a tiro, ou algo do tipo. “Morte morrida” seria a morte por velhice ou por alguma doença, inclusive as causadas pela seca.

Ao responderem sobre a causa da morte, que foi do tipo matada, identificamos um outro desdobramento da narrativa (linguagem) até compreendermos a causa da morte, quando dizem que fora morto à bala, que, por ser um lavrador plantava palha e que possivelmente era um homem trabalhador e invejado por outros da região.



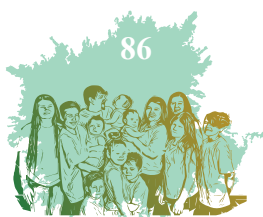
Então, verificamos que a partir da pergunta sobre a causa da morte, a narrativa se estende ao ponto de sabermos o meio utilizado (bala), a profissão do homem que morreu (lavrador), a cultura que produzia (palha) e que a terra na qual cultivava era extensa.

Convém mencionar que o próprio tema “morte” é desdobrado ao longo do poema, através das situações de morte com que o personagem se depara. Após este incidente do defunto enrolado em uma rede, o retirante segue para uma região próxima ao minguante rio Capibaribe em busca de emprego e, ao chegar neste local, encontra uma mulher na janela e pede que lhe dê notícias sobre emprego e ela lhe diz que o único emprego disponível seria de rezador de velórios ou coveiro.

Em seguida, quando chega à Zona da Mata, verifica que os cemitérios funcionam menos do que no interior. Chega à conclusão de que as pessoas morrem menos lá, e ao chegar lá, se depara com uma outra situação de morte. Desta vez a de um lavrador, e vai se dando conta das injustiças cometidas contra os retirantes que chegam nesta região, de que trabalham incessantemente, e que a única porção de terra que lhes cabe é a da cova. Portanto, jamais são donos de nada e ironicamente, só recebem terra para se assenhorar, depois que morrem.

Na medida que o tema da morte se desdobra, o retirante senta-se próximo a um muro, já em Recife, e escuta a conversa de dois coveiros discutindo sobre o pedido de transferência para outros cemitérios, pois um dos coveiros tinha pouco serviço, conseqüentemente, pouca gorjeta, pois trabalhava em um cemitério de uma zona nobre e percebera que os ricos demoram a ser enterrados, enquanto que o segundo coveiro já tinha bastante serviço e quase nada recebera em troca, porque trabalhava em um cemitério em um dos subúrbios.

Tudo isso faz o retirante perceber que quem é pobre morre do mesmo jeito, independente da região onde vive. E isso nos faz perceber que os problemas sociais, e não a seca natural, intensificam



as mortes dos pobres, e isso reforça um papel importante da literatura que é denunciar os problemas sociais verificados pelo escritor através de sua obra.

Um dos coveiros, próximo ao muro, fala sobre a vida dos sertanejos em Recife e, ironicamente, os retirantes sertanejos fogem da terra seca, e o que lhes resta, segundo o coveiro, é terra seca na qual serão enterrados:

- Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,  
fica vivendo no meio da lama,  
comendo os siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca (p. 49).

Entretanto, verificamos que a dobra da narrativa se desdobra em vida, pois às margens do rio Capibaribe no Recife, o retirante conversa com um dos moradores de um mocambo sobre a profundidade do rio naquele local (queria o retirante se suicidar?), e uma mulher interrompe a conversa dos dois, ao chamar este morador para dentro do mocambo, pois sua esposa acabara de dar à luz.

Neste ponto da narrativa podemos confirmar o continuum proposto por Deleuze, de que a dobra é formada por outras dobras que se desdobram e se convertem em elementos infindáveis, visto que neste ponto, uma outra visão da narrativa inicia em uma perspectiva de que o tema morte caminha lado a lado com o tema vida, já que a morte é uma consequência da vida, e do mesmo modo que pessoas morrem, paralelamente, outras pessoas nascem. Seria um clássico exemplo de uma dobra dentro de outra dobra.

Poder-se-ia, a partir daí, iniciar uma outra narrativa sobre como seria a vida deste menino



que acabara de nascer, o que nos leva a crer que todas as produções literárias existentes, compõem, na verdade um universo global denominado Literatura, pois podemos compreender todas as produções literárias como partes integrantes de uma grande obra, que se desdobra e a compõem.

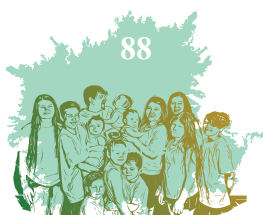
De modo semelhante, como já foi mencionado anteriormente, a desterritorialização pode constituir um tipo de dobra dentro desta obra literária, visto que a desterritorialização consiste no distanciamento ou na degradação do território, do mesmo modo que uma desdobra confere um desfazimento da (re)dobra, ou seja, a “degradação” da dobra, portanto, o território estaria para a dobra, assim como a desterritorialização estaria para a desdobra.

A obra “Morte e vida severina” começa com a saída de um retirante do Sertão do interior de Pernambuco em direção a Recife, no litoral do estado. Praticamente, a obra se desenvolve no desdobramento e redobramento do nordestino representados através da desterritorialização e territorialização nas terras em que ele chega:

Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra (p. 30).

Na ocasião em que ele chega às margens do rio Capibaribe, que havia sumido por conta da seca, e por sentir-se perdido e cansado, o retirante decide ir em busca de emprego na comunidade em que chega. É quando encontra a mulher que estava à janela e esta lhe diz que só teria emprego para prestar serviços funerários de rezador em velórios.

Na verdade, por uns tempos,  
parar aqui eu bem podia  
e retomar a viagem



quando vencesse a fadiga.  
Ou será que aqui cortando  
agora a minha descida  
já não poderei seguir  
nunca mais em minha vida? (p. 36)

Observamos aí um processo de desterritorialização quanto à partida da sua terra, e um processo de territorialização quando busca uma certa fixidez na cidade onde chega. Concordamos com Haesbaert (2007) quando afirma que território não se trata necessariamente de espaço físico, mas também quando se trata de um lugar ideológico, ou simbólico, por isso as referências a lugares são meramente ilustrativas e não tão importantes, visto que por mais que se refiram a lugares que existem na realidade, em uma obra literária não passam de lugares fictícios, assim como o personagem não é real.

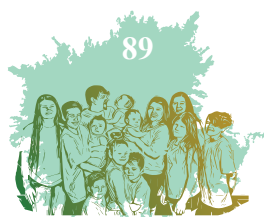
Ao decidir partir deste local, o retirante dirige-se à Zona da Mata, e se depara com o enterro do lavrador, conferindo a continuação do processo de desterritorialização, que se torna completo quando este alcança a cidade de Recife, e vê que o rio Capibaribe não seca lá (que o rio, aqui no Recife / não seca, vai toda a vida<sup>2</sup>).

Em se tratando de território(s), podemos destacar três paisagens diferentes, que constituirão três territórios diferentes, visto que Haesbaert (2007), em uma de suas concepções sobre este tema, defende que não se trata somente de aspectos naturais que caracterizam uma região, como também a organização ou “ordenamento” social que fazem parte dele.

Diante do tema da morte, percebemos um primeiro território em que os recursos naturais são escassos, principalmente, a água, e as pessoas vivem em função de uma minicultura de subsis-

---

2 Cf. NETO, 1994, p. 51





tência, nas quais as condições climáticas podem facilitar ou comprometer os meios de provisão destes habitantes. Por haver muita morte prematura na região (matada ou morrida), algumas das profissões, informais, consistem em prestadores de serviços funerários, como “enterradores”<sup>3</sup>, rezadores, etc.

No segundo território, a Zona da Mata, o retirante a caracteriza como um lugar onde tudo se planta, e de qualquer buraco que se faça sai água (Cabimbas por todo lado; / cavando o chão, água mina)<sup>4</sup>. Verificamos um ordenamento diferente do anterior no quesito organização social. Destacamos que os lavradores não recebem o bastante pelo seu trabalho, mas são prestadores de serviços aos latifundiários em plantações de diversas culturas, e quanto a morte, os prestadores (coveiros) têm vínculos com a prefeitura (“Administrador”), e os pobres morrem em maior número e em condições mais precárias do que os ricos (E da maneira em que está / não vão ter onde enterrar<sup>5</sup>). Percebemos isto através das falas dos dois coveiros:

- As avenidas do centro,  
onde se enterram os ricos,  
são como o porto do mar;  
não é muito ali o serviço:  
no máximo um transatlântico  
chega ali cada dia,  
com muita pompa, protocolo,  
e ainda mais cenografia (p. 46).

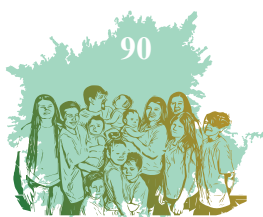
[...]  
- Eu também, antigamente,  
fui do subúrbio dos indigentes,  
e uma coisa notei  
que jamais entenderei:  
essa gente do Sertão  
que desce para o litoral, sem razão,

---

3 Utilizei este termo em vez de “coveiros” em função de não haver vínculos profissionais/empregatícios, mas por se tratar de uma ocupação informal, em que ganham gorjetas pelos serviços que prestam

4 Cf. NETO, 1994, p. 41

5 Cf. Ibid, p. 49



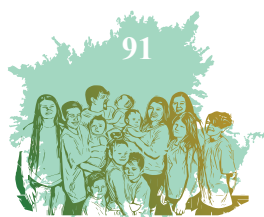
fica vivendo no meio da lama,  
comendo siris que apanha;  
pois bem: quando sua morte chega,  
temos de enterrá-los em terra seca (p. 49).

O terceiro território corresponde a uma região que possui água em abundância, apesar de não mencionar quais as condições de higiene desta água. É uma região cortada por rios, dentre eles o Capibaribe, que está cheio diferentemente da primeira região/território, e os sertanejos retirantes ocupam lugares periféricos, normalmente próximos dos rios e desempenham atividades que estão ligadas a ele, como a pesca de peixes e camarões e a caça de caranguejos nos mangues.

Ao final, deduzimos que o retirante se fixará nesta última região (territorialização), embora não saibamos se essa fixidez se dará pela intenção de sobreviver lá nas mesmas condições que os demais sertanejos o fazem, ou se o fato de perguntar sobre a profundidade do rio sugere que ele tentará suicídio.

Um outro elemento interessante que aparece no texto, que também está relacionado com a ideia de desterritorialização é rosário, que aparece na narrativa quando o retirante, ainda na região da seca, decide rezá-lo à medida que se distancia da sua terra de origem:

Devo rezar tal rosário  
até o mar onde termina,  
saltando de conta em conta,  
passando de vila em vila.  
Vejo agora: não é fácil  
seguir essa ladainha;  
entre uma conta e outra conta,  
entre uma e outra ave-maria,  
há certas paragens brancas,  
de planta e bicho vazias,  
vazias até de donos,  
e onde o pé se descaminha (p. 34).



A imagem simbólica proferida pelo rosário confere uma desterritorialização/desdobra no campo espiritual. Sugere uma migração em direção à realização espiritual, uma reprodução mitológica de um adepto a caminho da região sagrada, o Paraíso, neste caso representado por Recife. Seria o mesmo processo por que passaram os hebreus quando cruzaram o Mar Vermelho em busca da Terra Prometida. Destacamos aí um processo de desterritorialização no campo ideológico/espiritual.

Concluimos, portanto, que apesar de as teorias sobre dobra e (des)territorialização terem sido desenvolvidas por áreas das ciências humanas, divergentes da Literatura, é perceptiva a possibilidade de estabelecer um diálogo entre elas e uma obra literária, de modo a promover uma análise interpretativa interdisciplinar.

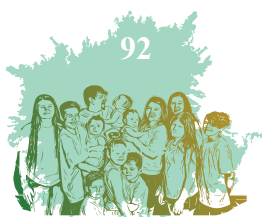
Constatamos que tanto a teoria da (des)dobra quanto da (des)territorialização podem oferecer uma metodologia para analisarmos a obra em questão, e portanto, tanto os acontecimentos relacionados ao tema da morte na obra, quanto às migrações feitas pelo retirante Severino podem ser explicados à luz destas teorias.

## **REFERÊNCIAS:**

ARAÚJO, Sérgio Murilo Santos de. Espaço, região e o ordenamento do território. In: \_\_\_\_\_ & NETO, Manuel Dionízio. Diferentes abordagens sobre espaço e tempo. Campina Grande, EDUEFG, 2010, p. 51-67.

DELEUZE, Gilles. A dobra: Leibniz e o barroco. Campinas: Papyrus, 2012, p. 13-30.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS,



Milton. Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 43-69.

NETO, João Cabral de Melo. Morte e vida severina e outros poemas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

